

EDITORIAL

Aos meus sonhos mais caros pertence o de peregrinar em algum momento até o túmulo sagrado da humanidade jovial. A Grécia foi o meu primeiro amor, e não sei se devo dizer que será o único.¹

“Ah, meus amigos, nós temos que superar também os gregos!”

É com essa advertência que Nietzsche encerra sua reflexão a respeito de Sócrates, no aforismo 340 de *A Gaia ciência*. Superar os gregos seria, por assim dizer, a meta última da filosofia nietzschiana. Tal empresa almejava alcançar, dito de modo genérico, a vitória sobre a moral socrática, sobrepujar a metafísica dualista platônica, ultrapassar a lógica aristotélica e vencer toda uma tradição de pensamento cuja base fundante, invariavelmente, é a Filosofia Grega Antiga. Contudo, reflitamos! A superação dos gregos é coerente? Ela é de fato possível? Tal tarefa, a que se propõe o filósofo, é improvável e paradoxal – devido ao seu próprio modo de ser: a superação pretendida exige, necessariamente, o constante retorno aos gregos.

Talvez se possa afirmar, sem exagero, que toda a Filosofia Ocidental tenha sido construída com base em uma relação com o pensamento Antigo. Desde a apologética patrística com os neoplatônicos e as traduções feitas por Averróis, a Filosofia é marcada pelo perene regresso à Grécia, seja na forma de interpretação ou de refutação, seja apenas como inspiração.

1 HÖLDERLIN, Friedrich. *Hipérion ou o Eremita na Grécia*. Tradução, notas e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Forense, 2012, p. 24.

Esse regresso ao “mediterrâneo” tornou-se ainda mais intenso depois que Johann Joachim Winckelmann inaugurou, na Alemanha do século XVIII, um movimento de regeneração cultural, cuja premissa fundamental era o resgate da “grecidade”. Antes disso, desde o Renascimento, retornar aos Antigos significava tão somente voltar a Roma. Toda cultura grega era intermediada pela cultura latina; Roma se destacava imponente frente a Atenas. A originalidade de Winckelmann foi justamente propor uma inversão. Para este autor, “Antigos” eram especificamente a cultura grega clássica, a mais bela cultura já existente que deveria, então, servir de modelo aos modernos. De acordo com a fórmula winckelmaniana, para a cultura alemã em vias de formação “o único caminho para nos tornarmos grandes e, se possível, inimitáveis, seria a imitação dos antigos”².

A partir de então os gregos passaram a ser o grande referencial e a fonte de inspiração para a arte, principalmente a literatura, e para a Filosofia alemã. Nesse contexto, a Grécia de Winckelmann marcou o classicismo de Goethe e Schiller, o idealismo alemão e, sobretudo, a filosofia de Hegel, além de influenciar Lessing e Herder na busca por uma estética nacional. Além disso, a Grécia clássica está efetivamente presente no Romantismo alemão, na poesia nostálgica de Friedrich Hölderlin e dos irmãos Schlegel. Por fim, a abertura de Winckelmann foi imprescindível para as interpretações da civilização helênica e do decurso histórico-cultural feitos por Jacob Burckhardt e Nietzsche.

2 Cf. WINCKELMANN, Johann Joachim. *Gedanken über die Nachahmung der griechischen Werke in der Malerei und Bildhauerkunst*. Stuttgart: Reclam, 1986. Edição bilíngüe. Alerçon (Orne). Paris: Aubier, 1990.

No século XX, o pensamento grego continua presente como uma referência fundamental, como o centro de gravidade da Filosofia contemporânea, por assim dizer. Foi Martin Heidegger³, por exemplo, quem se propôs a revisar as traduções feitas pelos medievais de conceitos como *λόγος* e *ἀλήθεια*, destacando estes como fundamentos do pensar. Heidegger é também quem propõe a revisão do entendimento sobre as *quatro causas aristotélicas* para, por fim, conseguir comparar e distinguir a *τέχνη* antiga da *essência da técnica moderna*. Este filósofo ainda demonstrou como, na história da filosofia, teria acontecido a decadência da metafísica devido ao esquecimento do ser (da verdade do ser), isso mediante a uma constante releitura de filósofos originários, tais como Anaximandro, Parmênides e Heráclito, aliás tarefa considerada imprescindível para o pensar que pensa a si mesmo.

Michel Foucault, por sua vez, segue um caminho semelhante: dando continuidade à proposta revisionista de Heidegger. O autor francês demonstra como, nos bancos da escola, todos aprendemos que a primeira grande máxima da filosofia, senão mesmo do pensamento ocidental é o famoso “*Gnothi seátón*” socrático – o “conheça-te a si mesmo” – frase inscrita na entrada do templo de *Delphos*, e que, vale situar, Sócrates teria asseverado como caminho do sábio. Talvez não seja exagero tomar-se este “conhece-te a ti mesmo” como um enunciado que funda o pensamento racional, e seria fonte ininterrupta de todo esforço especulativo, e isto desde Sócrates a, pelo menos, Descartes; e depois, a Kant; e, em seguida, aos caminhos divergentes de Husserl e Freud. Grande parte do

3 Cf. HEIDEGGER, Martin. *Heráclito: A origem do pensamento ocidental*. Lógica. A doutrina heraclítica do *lógos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.

esforço de Foucault consiste justamente em deslocar esta evidência, e isto partindo do ato de introduzir algo que vem a se mostrar como uma suspeita fundamental, qual seja: que, no fundo, a importância concedida ao conhecimento de si como imperativo absoluto do pensamento grego pode ser pensada apenas em retrospectiva. Com isso, o filósofo francês demarca o “conhecimento de si” como um traço próprio de nossa modernidade, e que seria necessário um esforço revisional para enfim tornar os gregos um pouco mais estranhos para nós. A Antiguidade se reconheceria num imperativo totalmente outro: não no “conhecimento de si”, mas sim no “cuidado de si” (*επιμέλεια εαυτού*).

Enquanto isso, pensadores como Hannah Arendt e Giorgio Agamben buscam na política grega do período clássico um referencial oportuno para se repensar os modos de agir na contemporaneidade. É com o olhar atento para a *ἀγορά*, o “espaço público” da *cidade-Estado*, que Hannah Arendt encontrará elementos para refletir sobre o real significado do termo *liberdade*, para então poder pensar na vida pública da *polis* por oposição à vida privada do *oikos* (casa). Nesta mesma linha de reflexão política, Agamben encontrará na obra de Platão e de Aristóteles a importante diferença entre o *ζωή* e o *βίος*, ou seja, entre a *vida* expressa como “o simples fato de viver, comum a todos os seres viventes” e a vida enquanto “maneira de viver própria a um indivíduo ou a um grupo”⁴. Para o autor italiano, seria uma postura anacrônica enxergar nos cidadãos atenienses como capazes de uma *zoé politiké*. Este equívoco conceitual, que permitiu ao filósofo defender a tese de que, na modernidade, *bíos* e *zoé* entram em uma zona de

4 Cf. AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

indistinção própria do dispositivo biopolítico da soberania, o que por si só já justificaria, definitivamente, a necessidade de *re-pensar* o modo como os gregos pensavam, seja para sabermos sobre nós mesmos a partir da diferença nossa em relação a eles, seja para tornar claro para nós de que modo continuamos sendo profundamente marcados pelo chamado “milagre grego”.

Com estas questões em mente, propomos para a *Revista Helius* a organização do dossiê temático: “Leituras Contemporâneas da Filosofia Grega Antiga”. Esse dossiê tem como compromisso a ideia de que as investigações que possam surgir do espírito grego são imprescindíveis para um pensamento que se queira rigoroso e bem embasado na história da filosofia. Ao mesmo tempo, o que pretendemos é escrever sobre Filosofia Grega, ou sobre a interpretação dos gregos por meio da ótica e das críticas feitas pelos filósofos contemporâneos. Entretanto, para conseguirmos alcançar uma *contemporaneidade* de nosso próprio pensamento é preciso que não nos deixemos tomar pelo pensamento grego às cegas, mas tendo em vista aqueles que pensam e pesquisam este pensamento. É neste sentido que a proposta deste dossiê adquire a sua relevância. Assim sendo, os convidados a participar do dossiê trazem contribuições teóricas relevantes, porém mais do que revelar uma Grécia inalcançável, os autores aqui discutirão assuntos próprios do nosso tempo.

Neste ínterim, considerando a importância de se levar em conta aqueles que pensam no momento em que pensam, e que seja possível, ao mesmo tempo, compreender o retorno aos gregos como um caminho necessário para o pensamento, tomamos como nossa tarefa a edição de um número da *Revista Helius*

<i>Rev. Helius</i>	Sobral	v. 4	n. 1	p. IV-XI	jan./jun. 2021
--------------------	--------	------	------	----------	----------------

pautado no compromisso de tornar uma questão isto: de que nós, pesquisadores contemporâneos, possamos nos apropriar das referências gregas como aliadas de um pensamento que se pretende livre.

Essa é, de saída, a proposta do Professor Charles Feitosa, no ensaio de abertura “As raízes clássicas da Filosofia Pop: prolegômenos para outras Histórias da Filosofia”. A partir da decisiva reflexão sobre um tema complexo, que é a “transmissão da filosofia”, Feitosa dirige uma crítica ao modo “clássico” de se pensar a história da filosofia. Em contrapartida, seu texto discorre sobre a necessidade e as características da “filosofia pop”, cuja origem está no pensamento clássico, isto é, defende a possibilidade de um fazer filosófico que é compreendido como “um passo atrás para um modo arcaico de pensamento, cujo caráter performativo foi silenciado pela história *mainstream* da filosofia”. Com isso, o autor pretende fazer uma censura ao modo tradicional e acadêmico que se convencionou a fazer filosofia, ressaltando a importância de um filosofar que priorize a “conexão com o local: a cultura brasileira” e um estilo que comporte, entre outras coisas, “o humor, o drama, os corpos, feminismo, imagens advindas tanto das belas artes como da cultura popular e de massa”. Em suma, o autor traz ao debate o modo como nos relacionamos com a tradição.

O primeiro artigo, assinado por Micael Rosa Silva, retoma os gregos tendo como via de acesso a filosofia nietzschiana. O foco do trabalho são os termos *Apolo e Dioniso, apolíneo e dionisiaco*, cunhados por Nietzsche para dar luz à sua metafísica do artista. O trabalho se empenha em explicar que tais conceitos são símbolos estéticos, ou seja, a estratégia utilizada pelo filósofo para expressar fe-

nômenos artísticos complexos, atrelados ao decurso mesmo da cultura ocidental e à própria vida. Rosa Silva procura demonstrar como, por intermédio da interpretação filológica de diferentes períodos gregos, o pensador de *O Nascimento da tragédia* faz uma avaliação do extrato cultural da modernidade, o que só é possível atendendo a uma revisão da linguagem representacional.

Tarciano Silva Batista e Regina Paula Silva da Silveira propõem, em seu turno, “um retorno ao mundo grego” a partir da análise da obra *Hermenêutica do sujeito*, mais especificamente, por meio da reflexão sobre o conceito *cuidado de si*. O ponto de partida é, portanto, aquela proposta revisionista de Foucault mencionada acima. Entretanto, os autores se concentram na abordagem ética do tema foucaultiano. O que está em voga neste artigo é pensar o preceito grego – mais antigo que Sócrates – como o princípio ético de conduzir a si mesmo, de viver em uma constante relação de si para consigo, ao mesmo tempo em que se relaciona com o outro e com o mundo.

Encerrando o Dossiê, Waldyr Delgado Filho nos brinda com a resenha do livro *O esquecimento de uma arte: retórica, educação e filosofia no século XXI* do filósofo e professor Edgar Lyra. A resenha ressalta a importância da obra para (re)pensarmos a pertinência dos gregos, sobretudo da *Retórica* aristotélica, para um olhar mais aguçado sobre nossa educação, principalmente no que diz respeito à formação de professores para os desafios político-tecnológicos do século XXI.

Fabíola Menezes de Araújo (SEEDUC-RJ/PUC-Rio)
Micael Rosa Silva (UEL)
Organizadores do Dossiê

Fabício Klain Cristofolletti (UVA)
Sérgio Ricardo Schultz (UVA)
Editores-chefe da *Revista Helius*



Esta obra está licenciada sob a licença [Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).